



Vida e saúde no contexto da pandemia 2020

Madel T. Luz

Mencionarei, neste texto, para aprofundamento posterior, os temas que considero de reflexão estratégica para quem se propõe a trabalhar no campo do cuidado à vida e à saúde humanas neste contexto pandêmico.

De saída é necessário assinalar que a vida de que falamos é, em primeiro lugar, a nossa própria, de seres humanos, o *homo sapiens*. Daquilo que somos como espécie, que tem sua história de vida marcada por afrontamentos e combates face a outras espécies, humanoides inclusive.

Embora não estejamos no contexto histórico das pestes, como as que sofremos durante milênios em função de higiene inexistente, de poucos recursos técnicos e de conhecimento sistemático nulo para lidar com as pragas que afligiam e dizimavam nossas populações, estamos atualmente em situação comparável a esses eventos, na medida em que a população terrestre, antes modesta, depois ainda controlável, atingiu um nível de taxa de crescimento incontornável, considerada não apenas a compacta densidade demográfica em diversas áreas do planeta, como a polaridade social, por vezes extrema, nos países mais pobres, e suas populações profundamente adoecidas.

Isto, mesmo quando levamos em consideração o acesso aos recursos que a civilização industrial capitalista produz há dois séculos em termos de bens de sobrevivência: alimentos, água potável, higiene, vestimenta, abrigo para indivíduos e unidades grupais - como a família- e segurança, face a espécies animais e vegetais perigosas à vida, ou face à própria espécie humana. Todos esses itens civilizatórios estão postos em questão.

O regime industrial produziu sobretudo o trabalho remunerado como ação coletiva e estável, permanente mesmo, uma instituição que nos permitia até há pouco sobreviver graças ao acesso aos itens citados.

A sociedade atual, apesar de mundializada por meios digitais de comunicação imediata, permite atualmente a morte de milhares de seres humanos em pouco tempo, seja ela fruto de catástrofes naturais, por desequilíbrio climático, seja por miséria, fome e enfermidades coletivas, ou por ações de destruição em lutas de extermínio, deflagradas militar ou civilmente.

Não observamos até o momento, pelo menos, uma política internacional proativa organizada, coordenada e apoiada por países, exceção feita à Organização das Nações Unidas (ONU), limitada em suas funções por interesses de governantes de potências mundiais, centrada em instituições de múltipla abrangência, que contenha, limite, ou pelo menos discuta seriamente o fim do massacre contínuo de milhares de pessoas por fome, doenças crônicas, epidemias, desastres ecológicos fruto de mudanças climáticas, e por ação policial ou militar contra civis perseguidos por cor, credo político, religioso ou simplesmente contra manifestantes civis que protestam desarmados.

Haverá modos de conter essa destruição? Certamente sim, e se já não existem meios técnicos, podem ser criados em curto espaço de tempo, dado nosso desenvolvimento tecnológico. Mas a nosso ver, o interesse político das nações nas questões de vida e saúde de suas populações, sobretudo as mais desassistidas, é até agora escasso. Limita-se aos movimentos sociais humanitários atuantes nos países, emergentes ou consolidados, e aos agentes de serviços públicos voltados para o cuidado preventivo e curativo da população, geralmente com limitados recursos técnicos, baixa remuneração e pesado ritmo de trabalho, pelos quais carregam nas costas, em geral por solidariedade, saúde e vida humanas, com risco de suas próprias vidas, em casos como a da pandemia atual.

A saúde e a vida tornaram-se precárias na Terra pela prática de hábitos nocivos ao viver: relações tóxicas, na alimentação, no sono, nas atividades de trabalho ou diversão, e no relacionar-se competitivo entre os membros de grupos sociais básicos: família, trabalho, vida social.

Em quase todas as nossas atividades tornamo-nos desarmônicos: agimos em oposição à ordem da vida, que requer um ritmo de harmonia específico para o conjunto de funções de nossa organização como espécie: física, psíquica, espiritual, todas voltadas para o outro, individual ou grupal. Não somos entidades individuais, como nos fez crer o capitalismo em sua fase de consumo: somos seres vocacionados para o coletivo, o grupal, o outro. Certamente podemos dizer que também as espécies animais, independentemente de seu estágio de evolução, são voltados para seu grupo de pertencimento, e ali desenvolvem vida social. Na vida de todas as espécies animais, a questão da luta pela sobrevivência se coloca como uma “questão social”, diga-se entre aspas.

Queremos dizer com isso que a sociabilidade e a solidariedade grupal são fundamentais para a sobrevivência de qualquer grupo ou espécie do planeta. Do inseto aos grandes animais, a questão da coletividade e do objetivo comum do viver estão presentes seja nas ações, nos reflexos, nas estratégias, na organização grupal, até no próprio sacrifício de categorias de indivíduos da espécie. Há uma ordem solidária na vida, ainda que essa ordem inclua combates de competição interindividual ou interespecie em todas as suas manifestações: humana, animal, vegetal.

Podemos afirmar que tal ordem, há tão pouco tempo reconhecida, é parte de uma ordem mais ampla, a ordem planetária, que tem também elementos ativos, com ritmos e normas de funcionamento equilibrado. A ruptura desse equilíbrio, na esfera mais ampla da vida, põe em questão o equilíbrio nas outras esferas de vida: humana, animal, vegetal.

O desequilíbrio planetário atual, evidente no fenômeno designado como desequilíbrio climático, tem interferido fortemente nas condições de saúde coletiva e individual das nações: incêndios incontroláveis, inundações que fazem por vezes submergir locais que foram patrimônios da humanidade, ventos violentos portadores, como os incêndios, de um acelerador interno, capazes de destruir locais, às vezes cidades, alterações destrutivas na flora e na fauna de rios e mares, muitas vezes devastadoras. Todos esses fenômenos são parte do desequilíbrio climático planetário, melhor dizendo, do ritmo da vida no planeta, que pode levar a vida humana, com outras espécies, à extinção.

Como agir para impedir o desastre e restaurar o funcionamento harmônico da vida na Terra? Várias estratégias e linhas de ação e pensamento são possíveis, mas as mais importantes incluem, a meu ver, mudança concreta, ativa, dos valores vigentes em relação à natureza e aos seres vivos em geral, e a prática da solidariedade entre humanos.

No momento presente os animais, tanto domésticos como os ditos selvagens, nos fornecem exemplos de solidariedade até o nível do heroísmo, como sinais evidentes da alteridade como valor maior. Somos capazes de fazer esta transição, e a própria pandemia vigente tem sido lugar privilegiado de exercício do amor e do respeito à vida do outro.

Estamos aprendendo também que não precisamos de quase nada daquilo que considerávamos essencial: o consumo de itens necessários à vida, à beleza, à higiene e saúde é, na verdade, muito inferior à doutrina pregada pelo consumismo individual, ainda vigente. Ousar a modéstia no consumo, como já o fazem camadas jovens das populações dos países mais desenvolvidos da sociedade capitalista, é um desafio que as classes médias, alvo fácil do individualismo consumista, devem enfrentar.

Na alimentação, voltando-se o ser humano para o agrocultivo não contaminado por agrotóxicos e pesticidas, e para o consumo alimentar fruto do cultivo adequado do solo e das diversas espécies vegetais que se constituem em alimento de homens e animais terrestres, o planeta Terra responderá positivamente à conduta humana.

No que concerne às ações e políticas públicas respectivas à saúde humana, a aceitação estatal da diversidade de orientações técnicas e culturais em cuidado e cura, assim como em atividades preventivas, sobretudo no conjunto das populações desassistidas, possibilitará o florescimento de novas técnicas, centradas na atenção/recuperação da saúde de sujeitos individuais e grupais.

Da sincronização produtiva, livre de preconceitos, das técnicas tradicionais com técnicas inovadoras, testadas por experiência e bons resultados na população, brotarão recursos preventivos e terapêuticos favoráveis à saúde e a cura de humanos, animais e vegetais. Até lá, muitos preconceitos deverão ser superados, sobretudo no ramo dos saberes dominantes, reconhecidos como verdadeiros, principalmente no campo das biociências, o campo de estudos e práticas concernentes à vida. A Pan-

demia de 2020 está nos ensinando a buscar e a inovar recursos de testes, modos de prevenção e cuidado na preservação de milhares de vidas por adoecimento e morte de uma epidemia causada por vírus. Mas temos que refletir: e se essa fosse a primeira delas?

Referências bibliográficas e videográficas inspiradoras do texto acima

LIVROS

LUZ, Therezinha Madel. A construção da racionalidade científica moderna. In: LUZ, Therezinha Madel. **Natural, Racional, Social**. 2ª. Edição. São Paulo: Hucitec, 2004, pp.15-20 e 41-70.

MOSCOVICI, Serge. **Essai sur l'Histoire Humaine de la Nature**. Paris: Flammarion, 1977, 569p.

HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2019, 459 pp.

FILMES DOCUMENTÁRIOS

PROFESSOR POLVO - Filme Documentário - NETFLIX 2020, 1.25h. Direção de Pippa ERLICH e James REED

O DILEMA DAS REDES SOCIAIS - Filme Documentário - NETFLIX, 2020, 1.34h. Direção Jeff ORLOWSKI